



A EVANGELIZAÇÃO NA “EVANGELII NUNTIANDI” E “EVANGELII GAUDIUM”

Jordan Carvalho *

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo comparar a “Evangelii Nuntiandi” com a “Evangelii Gaudium”, interpretando o modo de evangelização proposto pelas duas exortações apostólicas, escritas em contextos e épocas diferentes. Elaborou-se um referencial teórico apresentando o contexto da década de 70, que sucede ao Concílio Vaticano II, na qual foi escrita a Exortação Apostólica “Evangelii Nuntiandi” e, posteriormente, o contexto da Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium”, fruto do Ano da Fé (2013). Num primeiro momento, é apresentado o período da década de 70 marcado por profundas crises econômicas, políticas e culturais. Depois, são abordadas, as grandes e rápidas mudanças na sociedade contemporânea, caracterizada como individualista e necessitada de fraternidade e amor. Logo, a pesquisa caracterizou-se como bibliográfica pautada em diversos autores, buscando compreender a evangelização existente na “Evangelii Nuntiandi” e “Evangelii Gaudium”.

PALAVRAS-CHAVE: “Evangelii Nuntiandi”. “Evangelii Gaudium”. Evangelização.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, tem por objetivo principal analisar a ideia de evangelização presente nas Exortações Apostólicas “Evangelii Nuntiandi”¹ e “Evangelii Gaudium”² e a sua importância para os dias atuais. O Concílio Vaticano II assegurou que a Evangelização expressa a ideia de difundir gratuitamente o Evangelho, estabelecendo, dessa forma, uma relação dialógica, que não depende apenas do Evangelizador, mas da pessoa que escuta a Palavra de Deus, pois a partir de tal relação é que se busca impulsionar o Reino de Deus na terra. Portanto, a nova evangelização consiste em levar a voz da Igreja a outros espaços e, valorizar, também, o diálogo entre os próprios cristãos.

* Graduado em Teologia pelo Centro Universitário La Salle – Unilasalle/RS. E-mail: jordancarvalho21@hotmail.com.

¹ PAULO VI, Papa. “**Evangelii Nuntiandi**”. Exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

² FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**: A alegria do Evangelho. São Paulo: Loyola, 2013.

A fim de atingir a meta proposta, esse trabalho divide-se da seguinte forma: 1) Introdução, na qual é apresentado o objeto de estudo a ser pesquisado; 2) Uma análise dos movimentos históricos que antecederam a “Evangelii Nuntiandi”, como o Concílio Vaticano II, a década de 70 e o autor desta. 3) O contexto da “Evangelii Gaudium”, bem como seus antecedentes históricos, o Ano da Fé e o autor desta Exortação. 4) Uma comparação entre a “Evangelii Nuntiandi” e a “Evangelii Gaudium”, os temas comuns entre os dois documentos, a evangelização e as mulheres. Por fim, seguem a conclusão e as referências.

“EVANGELII NUNTIANDI”

Nesta sessão, subdividida em três tópicos, buscarei analisar o processo de evangelização que envolveu o homem no mundo contemporâneo. A exortação “Evangelii Nuntiandi”, orienta claramente a ação missionária da Igreja e dos cristãos no contexto da década de 70, período em que foi escrita.

Paulo VI, autor do documento, sentindo-se preocupado com a humanidade em seu processo de evangelização, escreve a exortação convocando todos os cristãos ao compromisso de solidariedade, fraternidade e doação revelados na missão de Jesus.

Vaticano II

São vários os motivos históricos que conduzem à publicação da Exortação Apostólica “Evangelii Nuntiandi”. Dentre os motivos, há o Concílio Vaticano II, cuja intenção era fortalecer a organização da Igreja, enquanto comunhão de pessoas. Outro fator foi o Sínodo dos Bispos de 1974, o qual tratou de temas relacionados à humanidade no que se refere ao seu processo de evangelização.

A 25 de janeiro de 1959, João XXIII proclama a realização de um II Concílio Ecumênico. Este Concílio, iniciou-se no dia 11 de Outubro de 1962 e concluiu-se no dia 08 de dezembro de 1965. Neste Concílio João XXIII enfatizou a necessidade de um “aggiornamento”, ou seja, uma forma de a Igreja atualizar a sua mensagem para melhor transmiti-la aos homens contemporâneos. Seria um novo “Pentecostes”, que reconstituiria a Igreja Católica não apenas como instituição, mas como abertura e renovação.

Segundo Bingemer³, os concílios que antecederam ao Vaticano II apresentaram como objetivos a condenação das heresias, a definição das verdades e doutrinas da fé, enquanto que o Vaticano II preocupou-se com uma orientação fundamental para a fé católica na sociedade, tendo presente os problemas sociais e econômicos como desafios pastorais para a Igreja universal.

De acordo com Ruggieri⁴, o Vaticano II foi o empreendimento de toda uma Igreja voltada para a compreensão do Evangelho em seu próprio momento histórico. Portanto, o Concílio foi a “representação” da Igreja “em ato”, uma Igreja em que não apenas os bispos, mas, também, os teólogos colocaram-se à escuta do Evangelho. No Vaticano II, fazia-se presente a universalidade da Igreja: cristãos, não cristãos e autoridades políticas declararam seu posicionamento a respeito da liberdade religiosa. Houve, nele, um grande ato de recepção do amadurecimento teológico e eclesial pós-modernista.

Paulo VI

Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI, nasceu no ano de 1897, em Concesio (Itália). Envolveu-se desde cedo com a religião, sendo ordenado sacerdote em 1920. Ocupou cargos importantes dentro da Igreja Católica e desenvolveu trabalhos diretamente com o Pio XII. Giovanni Montini, eleito Papa em 1963, escolheu por nome “Paulo VI”, cuja missão foi a de propagar a mensagem de Cristo por todo o mundo.⁵

O conclave que escolheria o sucessor de João XXIII durou apenas 42 horas. A Igreja, neste período, já havia iniciado o Concílio Vaticano II, momento de profundo estudo sobre o rumo que a Igreja iria seguir durante os próximos anos. De um lado, fazia-se presente o grupo conservador da Cúria Romana e, do outro, o grupo que sentia esperança da renovação da Igreja Católica sob diversos pontos. Cabia ao novo papa eleito, Paulo VI, continuar ou frear o legado deixado por João XXIII. Paulo VI era muito conhecido pelas pessoas e apresentava grande

³ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **O Concílio e a emergência do laicato**. Concilium, Petrópolis, RJ, n. 346, p. 90-101, jul. 2012, p.90.

⁴ RUGGIERI, Giuseppe. **O Vaticano II como igreja em ato**. Concilium, Petrópolis, RJ, n. 346, p. 36-47, jul. 2012, p.42.

⁵ CARLETTI, Anna. **O internacionalismo vaticano e a nova ordem mundial: a diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias**. Brasília: FUNAG, 2012, 135.

capacidade para continuar o Concílio Vaticano II, já que provinha de uma carreira ascendente no âmbito da diplomacia.⁶

O Papa Paulo VI, durante o seu pontificado, realizou uma política da Santa Sé caracterizada pela busca da distensão internacional. Dessa forma, enviou telegramas de felicitações aos chefes das grandes potências, devido a estes assinarem o Tratado de Proibição de Testes Nucleares.⁷

Anos 70

A década iniciada em 1970 ficou marcada por profundas crises. Neste mesmo ano chegavam à Santa Sé notícias preocupantes de uma parte da Igreja Católica: daquela que estava sob o domínio da ditadura militar no Brasil.

No ano de 1971, a nível econômico, Nixon decreta o fim da paridade do dólar em relação ao ouro, adotando, dessa forma, medidas comerciais protecionistas, com o objetivo de recuperar a competitividade da economia americana.

No ano de 1973, Egito e Síria atacam Israel. Dá-se início à chamada Guerra do Yom Kipur (Ano Novo Judaico). Esta guerra, a partir do plano político e psicológico, significou benefícios expressivos para os países árabes e um considerável desgaste para Israel.⁸

A partir de então, o petróleo passou a ser mais valorizado economicamente, sendo até utilizado como uma arma política através do embargo às nações que apoiaram Israel na guerra. Neste sentido, os países árabes quadruplicaram o valor do petróleo e, decretaram um embargo temporário aos países que apoiaram Israel na guerra.⁹

A Guerra do Yom Kipur apresentou dois desdobramentos importantes. O primeiro foi o desencadeamento, em 1975, de uma guerra civil no Líbano, onde a esquerda, reforçada pela implantação Palestina no sul do país, quase venceria. No entanto, a Síria interferiu militarmente com o objetivo de defender os cristãos, ocupando parte do país em 1976. O segundo foi a aproximação do Egito com os

⁶ CARLETTI, 2012, p. 135.

⁷ CARLETTI, 2012, p. 139.

⁸ VIZENTINI, Paulo Fagundes. **História do século XX**. 2. ed. Porto Alegre: Novo Século, 2000, 141.

⁹ VIZENTINI, 2000, p 143.

Estados Unidos e sua ruptura com a URSS¹⁰. A guerra do Yom Kipur representou uma estratégia dos países árabes conservadores e pró-ocidentais para capitalizar parte do apoio americano para si, desviando-o de Israel.

Neste mesmo ano, após longas negociações, os Estados Unidos assinam os Acordos de Paris. Desta forma, retiraram suas tropas e vietnamizaram o conflito.

“EVANGELII GAUDIUM”

Neste capítulo, subdividido em dois tópicos, abordarei a relevância desta exortação no que se refere ao seu processo de evangelização nos dias atuais. Vale ressaltar que a “Evangelii Gaudium”, escrita pelo Papa Francisco, apresenta uma estrutura baseada em quatro movimentos: o primeiro é o anúncio; o segundo, o Evangelho; o terceiro, o mundo e, por último, o contexto atual.

Antecedentes históricos

Aos 19 de abril de 2005, anuncia-se a eleição de um novo Papa, sucessor de Karol Wojtyła. Chama-se Joseph Ratzinger, natural de Marktl am Inn pequeno município localizado na Bavária, ao Sul da Alemanha. O nome escolhido por ele estava relacionado ao pontificado de Bento XV, o Papa do primeiro conflito mundial, a quem o próprio Ratzinger definiu como o “profeta corajoso e autêntico da paz”. Outra referência para a escolha do nome foi o monge Bento de Núrsia, co-padroeiro da Europa e considerado o patriarca do monaquismo ocidental. Um dos caminhos a serem trilhados era a busca da promoção da paz entre os povos e o fortalecimento das raízes cristãs no Ocidente. Sua linha de pontificado estava em consonância com a de seu predecessor, João Paulo II.¹¹

Realizou-se, em Roma, entre os dias 7 a 28 de outubro de 2012, o Sínodo dos Bispos sobre: “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”, convocado pelo Papa Bento XVI. Isto se deu pelo fato de este sentir-se preocupado com a evangelização. O Sínodo buscou aprofundar o significado teológico e pastoral da nova evangelização, dar a conhecer e incentivar iniciativas ligadas à nova evangelização já em curso, estudar e favorecer a utilização das formas de

¹⁰ VIZENTINI, 2000, p.141

¹¹ CARLETTI, 2012, p.186.

comunicação modernas como instrumentos de evangelização, e promover o uso do Catecismo da Igreja Católica, como formulação essencial e completa do conteúdo da fé para os homens de nosso tempo.¹²

Conforme os textos, a Nova Evangelização consiste nos métodos catequéticos, nas atitudes, na espiritualidade e santidade dos evangelizadores. Os textos apresentam, também, a percepção do mundo em crise e das mudanças com seu impacto sobre os interlocutores da nova evangelização.¹³

Conforme Francisco, a nova evangelização é

um convite a reconhecer a força salvadora das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles.¹⁴

A 11 de outubro de 2012, é proclamado o Ano da fé, em decorrência da necessidade de redescobrir o caminho da fé num contexto marcado por grandes transformações a nível econômico, político e social. Neste mesmo ano, comemorou-se o cinquentenário do Concílio Vaticano II, evento este que teve grande importância para a Igreja. O Ano da Fé encerrou-se a 24 de novembro de 2013, na solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo.¹⁵

O Ano da fé representou, também, o momento de transição de Bento XVI ao tempo do Papa Francisco, tempo de profunda espiritualidade no seguimento de Jesus e na construção de uma Igreja simples, solidária, a verdadeira Igreja dos pobres, como salienta o atual Papa. Bento XVI, no documento *Porta Fidei*, deixa bem claro:

A fé torna-nos fecundos, porque alarga o coração com a esperança e permite oferecer um testemunho que é capaz de gerar: de fato, abre o coração e a mente dos ouvintes para acolherem o convite do senhor e aderir à sua Palavra a fim de tornarem seus discípulos.¹⁶

¹² SUESS, Paulo. **Catecismo Universal**. Proposições do Sínodo sobre nova evangelização e transmissão da fé. IHU, São Leopoldo, RS, 2012. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4838&secao=412>. Acesso em 15 out.2014.

¹³ BENTO XVI. **Porta Fidei**: do sumo pontífice Bento XVI com o qual se proclama o ano da fé. São Paulo: Paulinas, 2011, p.07.

¹⁴ FRANCISCO, Papa. **A Igreja da misericórdia**: minha visão para a Igreja. São Paulo: Paralela, 2014, p.27.

¹⁵ MARIANI, Ceci Baptista. **Ano da fé**: tempo de refletir sobre nossas esperanças. Revista de Catequese, São Paulo, n. 141, p. 45-51, jan-jun de 2013, p.17.

¹⁶ BENTO XVI, 2011, p. 10.

Papa Bento XVI viveu uma conjuntura, em seu pontificado, diferente da vivida por seu predecessor. O mundo bipolar da guerra fria já fazia parte do passado e a multipolaridade crescente se caracterizava pela emergência de novos paradigmas. Joseph Ratzinger, no entanto, durante o pontificado chamava a atenção sobre as diversas ideologias em décadas anteriores: “do marxismo ao liberalismo, chegando à libertinagem; do coletivismo ao individualismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do gnosticismo ao sincretismo”, enfatizando uma atitude perigosa dos tempos atuais.¹⁷

Dia 11 de fevereiro de 2013, a mídia internacional se volta para o Vaticano. Bento XVI renuncia ao pontificado, diante dos fieis, autoridades mundiais, teólogos e especialistas, entre outros presentes na praça do Vaticano. Contudo, sua renúncia é oficializada no dia 28 de fevereiro de 2013. Bento XVI se pronuncia a respeito de sua abdicação da seguinte maneira: “Depois de ter examinado repetidamente a minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza de que as minhas forças, devido à idade avançada, já não são idôneas para exercer adequadamente o ministério petrino”. Sugiram, assim, grandes questionamentos sobre o futuro da instituição eclesial.

Papa Francisco

Jorge Mario Bergoglio, nascido a 17 de dezembro de 1936 em Buenos Aires, foi eleito Papa em 13 de março de 2013. Sua eleição foi uma surpresa para toda a Igreja, pois seu nome não constava na lista dos favoritos. Foi eleito no quinto escrutínio do Conclave ocorrido no Vaticano.

Papa Francisco, o nome escolhido por ele, foi inspirado na figura de São Francisco de Assis, homem que optou em viver o Evangelho puro, ao pé da letra, em uma pobreza radical e, preocupou-se com todas as pessoas. O nome “Francisco” evoca também o espírito evangélico de proximidade aos pobres, a identificação com o povo simples e, sobretudo o compromisso com a renovação da Igreja.¹⁸

¹⁷ CARLETTI, 2012, p.188.

¹⁸ QUEVEDO, Luís González. **Papa Francisco**: uma eleição surpreendente. **Convergência**, Brasília, n. 462, p. 331-335, jun. 2013, 332.

Conforme Quevedo¹⁹, sua simplicidade evangélica, suas palavras e gestos cativaram e continuam a cativar todo o mundo. Os gestos de humildade de Francisco foram marcantes desde a sua primeira aparição na sacada da Basílica de São Pedro, onde, sem a mozeta vermelha, tradicionalmente usada pelos Papas, apresentava-se próximo das pessoas. Preferiu andar de ônibus junto aos cardeais a andar de limusine. Dispensou o apartamento pontifício no Palácio Apostólico. E substituiu o “papamóvel” fechado por um jipe aberto, aproximando-se, dessa forma, mais, das pessoas.

Segundo Junior²⁰, Francisco despertou outro desejo profundo: “uma igreja pobre e para os pobres”. Destarte, Francisco situa, em seu pontificado, como característica mais importante, a justiça com os pobres e oprimidos. Com tal expressão, Francisco, quer retomar o Concílio Vaticano II e, mais especificamente, as conferências de Medellín e Puebla, as quais trataram a temática da “Igreja dos pobres” e a “opção preferencial pelos pobres”, caracterizando-se, assim, a Igreja como a Igreja de Jesus Cristo.

É com este espírito que Francisco, em 24 de novembro de 2013, apresenta a Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*” como uma verdadeira carta encíclica, apresentando o novo modo de ser Igreja que o Papa gostaria de ver: Igreja que busca cotidianamente um anúncio e um testemunho cristão cada vez mais puro e fiel ao Evangelho.

A Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*”, utiliza-se dos conteúdos sobre a evangelização da “*Evangelii Nuntiandi*”, afirmando que, a mesma não acontece sem antes haver o Anúncio explícito de Jesus como Senhor. Evangelizar, portanto, é tornar o Reino de Deus presente no mundo, é amar a Deus que reina no mundo

EVANGELIZAÇÃO

Após observar e compreender o processo histórico que precedeu a escrita das Exortações apostólicas “*Evangelii Nuntiandi*” e “*Evangelii Gaudium*”, analisarei o conceito de evangelização para alguns autores.

¹⁹ QUEVEDO, 2013, p. 332.

²⁰ JUNIOR, Francisco de Aquino. **Uma Igreja pobre e para os pobres. Convergência**, Brasília, n.472, p. 349-365, jun.2014, p. 349.

Conforme Vigil²¹, a evangelização de Jesus foi, antes de tudo, real e etimologicamente, “eu-evangelização”, ou seja, o anúncio de uma “Boa Notícia”, uma notícia não como um conceito eclesialístico, mas, sim, no sentido de mudança do mundo, mudança da sociedade, o anúncio de uma nova época. Portanto, os destinatários da “Boa Notícia” não foram apenas os frequentadores das pastorais do Templo de Jerusalém ou das sinagogas, mas, sim, os pobres.

Gopegui²², conceitua o processo da evangelização da seguinte forma: num primeiro momento, a compreensão dos critérios da evangelização nasce naturalmente da compreensão da natureza singular ou da configuração do processo da evangelização presentes no Novo Testamento.

O que constitui, então, o processo de evangelização são as celebrações litúrgicas, o serviço da caridade, a partilha de bens com os pobres, que se fazem presente no testemunho da caridade na comunidade e, também, no testemunho total de entregar a vida pelo Evangelho. Todo este processo de evangelização se dá pela fé, que é a continuação de uma vida colocada em favor do próximo e não apenas uma transmissão de fórmulas.²³

O ponto de partida dos critérios para uma prática evangelizadora no contexto da América Latina despertou-se entre Medellín e Puebla. Medellín conclama todos os batizados a viverem uma Igreja pobre, darem testemunho de uma Igreja samaritana, solidária, com a situação e a causa dos pobres²⁴. Já Puebla procura continuar o processo, explicitando e valorizando a dimensão teológico-pastoral, fazendo-se presente, assim, na vida dos pobres e na sua resistência. Puebla enfatiza a “opção preferencial pelos pobres”, o “amor aos pobres”, entre outros aspectos.²⁵

A evangelização na “Evangelii Nuntiandi” e “Evangelii Gaudium”

Conforme a “Evangelii Nuntiandi”, evangelizar é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, transformando-as a partir de dentro. Evangelizar é,

²¹ VIGIL, José Maria. **Evangelização e erradicação da pobreza**. REB, Petrópolis, RJ, v. 40, n.158, p.113-117, jun. 1978, p. 113.

²² GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. **A Evangelização: Sua configuração e seus critérios**. REB, Petrópolis, RJ, v. 38, n.152, p.632-641, dez. 1978, 633.

²³ VIGIL, 1978, p. 116.

²⁴ **CELAM**. Conclusões de Medellín. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1975.

²⁵ **CELAM**. Evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

também, a própria missão da Igreja: ela existe para evangelizar, ela é a continuadora da missão de Jesus. Portanto, evangelizar consiste nisto:

O anúncio de Jesus Cristo; os evangelistas quiseram anunciar e explicar Jesus Cristo. Por sua vez, Jesus foi também o evangelizador; ele também veio da parte do Pai, que participa de todos os segredos do Pai, para anunciar a mensagem de libertação.²⁶

A centralidade da evangelização na, “Evangelii Nuntiandi”, está nas pessoas, a quem nós devemos transmitir intata e viva a Palavra de Deus.

Neste mesmo viés, a “Evangelii Nuntiandi” adverte sobre dois princípios básicos relativos à evangelização e libertação. O primeiro é que entre evangelização e libertação há um laço de unidade inseparável, não se compreende os dois separadamente. A preocupação da Igreja está na não divisão de ambos os termos. O segundo é que o problema da unidade entre evangelização e libertação é uma expressão atual do problema da unidade entre Evangelho e cultura humana, serviço de Deus e serviço dos homens, amor a Deus e amor ao próximo.²⁷

Conforme “Evangelii Gaudium”, no texto do Evangelho: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo que vos tenho mandado” (Mt 28, 19-20)²⁸. Está expresso o mandato de Jesus à evangelização, pois a mesma não deve excluir ninguém.

Segundo a mesma “Evangelii Gaudium”, é dever da paróquia, inicialmente, o papel da evangelização. A Igreja é o sujeito primário da evangelização, já que ela mesma “está verdadeiramente presente e opera a Igreja de Cristo, Una, Santa, Católica e Apostólica”²⁹. Os destinatários privilegiados do Evangelho são os pobres. Aos pobres é que a Igreja deve dirigir gratuitamente a evangelização como sinal do Reino que Jesus veio trazer.

De acordo com Valli³⁰:

Francisco não esconde a discordância com relação a quem "se sente superior aos outros", por ser "irreduzivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado" e, "em vez de evangelizar, classificam os demais".

²⁶ COMBLIN, José. **Evangelização e Libertação**. REB, Petrópolis, RJ, v. 37, n.147, p. 569-597, set. 1977, p.571.

²⁷ COMBLIN, 1977, p. 570.

²⁸ ALONSO SCHOKEL, Luis. **Bíblia do peregrino: Novo testamento**. São Paulo: Paulus, 2000.

²⁹ **VATICANO II**, Compêndio do Decreto Christus Dominus. 29ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, nº 1034.

³⁰ VALLI, Aldo Maria. **Um guia para a Evangelii gaudium**. IHU, São Leopoldo, RS, 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/526119-um-guia-para-a-evangelii-gaudium>>. Acesso em 22 set. 2014.

Claro também é o julgamento negativo com relação àqueles que têm um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas não se preocupam que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da história"³¹. Essa "é uma tremenda corrupção, com aparências de bem. (...) Deus nos livre de uma Igreja mundana sob vestes espirituais ou pastorais!"³²

A "Evangelii Nuntiandi" define a evangelização como sendo o anúncio de Cristo àqueles que a desconhecem. Este anúncio é feito através das pregações, da catequese e dos sacramentos. Para que a evangelização ocorra de fato, é necessária uma renovação intrínseca da humanidade. A igreja evangeliza quando, por intermédio da Palavra de Deus, transforma a consciência pessoal e coletiva dos homens para que realizem atividades que beneficiem às pessoas³³.

O documento "Evangelii Nuntiandi" não busca dar uma verdadeira definição da evangelização e libertação, mas, sim, aproximar esses dois conceitos básicos. No entanto, Comblin³⁴, ao fazer uma reflexão sobre o documento de Paulo VI, salienta que a liberdade presente nos escritos de São Paulo e São João, é essencialmente uma liberdade que livra o homem das cadeias interiores pelas quais ele próprio se mantém preso. Destarte, a liberdade está atada pelo próprio homem, pois ela não é limitada somente por fatores externos, mas, também, por fatores materiais ou vontades humanas.

A evangelização representa em si o anúncio da liberdade, tal como foi definida pelo Novo Testamento. Essa libertação é para emancipar-se da necessidade de oprimir, ou seja, da necessidade do egoísmo. A liberdade é justamente aquela que permite mostrar a continuidade entre salvação e libertação, é o conceito mediador entre a Redenção e a Criação. No entanto, não podemos separar os atos de Deus na sua Criação e os atos dos homens como sendo paralelos, pois o que Deus anuncia, Ele faz mediante atitudes humanas. Deus não age ao lado dos homens e sim dentro dos homens, utilizando-os como seus instrumentos.³⁵

"Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura" (Mc 16, 15)³⁶. Estas palavras de Jesus evocam a universalidade da Evangelização. O Pentecostes

³¹ FRANCISCO, 2013, p.61.

³² FRANCISCO, 2013, p. 62.

³³ PAULO VI, 1981, p. 07.

³⁴ COMBLIN, 1977, p.577.

³⁵ COMBLIN, 1977, p.583.

³⁶ ALONSO SCHOKEL, 2000.

é o fundamento para que a Igreja realize essa evangelização, e que Cristo e seu Evangelho sejam de fato conhecidos por todos os povos³⁷.

O Papa Francisco insiste na atitude de amor, misericórdia e proximidade de Deus, e recupera a alegria das primeiras comunidades cristãs, que experimentaram a liberdade e o amor de Jesus ressuscitado, a mesma liberdade e alegria que Jesus apresenta para nós, hoje. Toda a pessoa que encontra o sentido de sua vida fica alegre. Por isso, não devemos ter em nosso coração tristeza, pessimismo, angústia, sinais de que perdemos o sentido da vida. O verdadeiro sentido da vida está na doação e no serviço ao próximo, principalmente àqueles que são excluídos pela sociedade, os pobres e marginalizados.³⁸

As mulheres para a “Evangelii Nuntiandi” e “Evangelii Gaudium”

No contexto da década de 70, a Igreja não estava preocupada com a função social da mulher, pois em nenhum momento a “Evangelii Nuntiandi” escreve sobre esse tema. Já a “Evangelii Gaudium” dedica vários pontos à presença e participação da mulher na vida eclesial e na sociedade, como veremos a seguir.

O número 103 da “Evangelii Gaudium” salienta que, sem dúvida, a mulher tem grande importância para os dias atuais na sociedade. O Papa Francisco salienta o amor exclusivo da mãe, ou seja, da mulher na maternidade. Enfatiza, ainda, as mulheres que partilham responsabilidades pastorais, junto aos sacerdotes, no acompanhamento de pessoas, famílias e grupos e as que prestam novas contribuições para a reflexão teológica. O Papa insiste para que a mulher tenha uma presença mais incisiva na Igreja e, não somente na Igreja, mas também, nas estruturas sociais.³⁹

Uma questão apresentada pelo Papa Francisco está presente no número 104 da “Evangelii Gaudium”. Trata-se da reivindicação dos legítimos direitos das mulheres, a partir da convicção de que estas e os homens possuem a mesma dignidade.

A ordenação de mulheres é uma questão séria para a Igreja, já que homens e mulheres tem o mesmo direito. Diz o Papa Francisco a respeito disso: “O

³⁷ PAULO VI, 1981, p. 19.

³⁸ FRANCISCO, 2013, p. 29.

³⁹ FRANCISCO, 2013, p. 64.

sacerdócio reservado aos homens, como sinal de Cristo Esposo que se entrega na Eucaristia, é uma questão que não se põe em discussão, mas pode tornar-se controversa se se identifica demasiado a potestade sacramental com o poder”⁴⁰. Quando se fala em potestade, fala-se da esfera da função e não na da dignidade e da santidade.⁴¹

A “*Evangelii Gaudium*” frisa que duplamente pobres são as mulheres que padecem situações de exclusão, como maus-tratos e violência, visto que, das mulheres é que provêm admiráveis gestos de heroísmo na defesa e no cuidado de suas famílias.⁴²

Papa Francisco nos diz que a Igreja tem feito pouco para ajudar as pessoas que se encontram em situações de fragilidade, em especial as mulheres que enfrentam o aborto como uma solução rápida para as suas profundas angústias, muitas vezes resultantes de violência e extrema pobreza.⁴³

CONCLUSÃO

Verificou-se, no decorrer desta pesquisa, que as exortações apostólicas “*Evangelii Nuntiandi*” e “*Evangelii Gaudium*”, escritas, respectivamente, por Paulo VI e Papa Francisco, não esgotam o seu significado da evangelização, pelo contrário, apresentam alguns direcionamentos de como atualizá-la em nosso cotidiano, numa sociedade marcada pelo individualismo e a perda dos valores cristãos.

A Evangelização na “*Evangelii Nuntiandi*” frisa que, através da Boa Nova levada a todas as parcelas da humanidade, há uma transformação nos seres humanos. Tal transformação se faz presente na vida comunitária e no compromisso com os outros, visto que o centro da “evangelização” é a caridade. Hoje somos chamados a ser instrumentos da libertação e promoção das pessoas, principalmente daquelas que se encontram à margem da sociedade.

A Evangelização presente na “*Evangelii Gaudium*” não se distancia substancialmente da evangelização na “*Evangelii Nuntiandi*”. Ambas apresentam muitas características em comum. O Papa Francisco salienta que o anúncio do Evangelho se faz sempre no encontro com diversos “outros”, ou seja, na inclusão

⁴⁰ FRANCISCO, 2013, p. 65.

⁴¹ FRANCISCO, 2013, p. 65.

⁴² FRANCISCO, 2013, p. 124.

⁴³ FRANCISCO, 2013, p. 125.

social dos pobres, das mulheres e de todas as pessoas que sofrem algum tipo de exclusão, pois Jesus Cristo, o primeiro evangelizador enviado pelo Pai, nos interpela para libertarmos e humanizarmos todas as pessoas que se encontram em situações desumanas. Enfim, pode-se afirmar que o estudo apresentado atingiu aos objetivos propostos.

REFERÊNCIAS

ALONSO SCHOKEL, Luis. **Bíblia do peregrino: Novo testamento**. São Paulo: Paulus, 2000.

BENTO XVI. **Porta Fidei**: do sumo pontífice Bento XVI com o qual se proclama o ano da fé. São Paulo: Paulinas, 2011.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **O Concílio e a emergência do laicato**. Concilium, Petrópolis, RJ, n. 346, p. 90-101, jul. 2012.

CARLETTI, Anna. **O internacionalismo vaticano e a nova ordem mundial: a diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias**. Brasília: FUNAG, 2012.

CELAM. Conclusões de Medellin. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1975.

CELAM. Evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

COMBLIN, José. **Evangelização e Libertação**. REB, Petrópolis, RJ, v. 37, n.147, p. 569-597, set. 1977.

FRANCISCO, Papa. **A Igreja da misericórdia**: minha visão para a Igreja. São Paulo: Paralela, 2014.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**: A alegria do Evangelho. São Paulo: Loyola, 2013.

GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. **A Evangelização**: Sua configuração e seus critérios. REB, Petrópolis, RJ, v. 38, n.152, p.632-641, dez. 1978.

JUNIOR, Francisco de Aquino. Uma Igreja pobre e para os pobres. **Convergência**, Brasília, n.472, p. 349-365, jun.2014.

MARIANI, Ceci Baptista. Ano da fé: tempo de refletir sobre nossas esperanças. Revista de Catequese, São Paulo, n. 141, p. 45-51, jan-jun de 2013.

PAULO VI, Papa. **“Evangelii Nuntiandi”**. Exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

QUEVEDO, Luís González. **Papa Francisco**: uma eleição surpreendente. *Convergência*, Brasília, n. 462, p. 331-335, jun. 2013.

RUGGIERI, Giuseppe. **O Vaticano II como igreja em ato**. Concilium, Petrópolis, RJ, n. 346, p. 36-47, jul. 2012.

SUESS, Paulo. **Catecismo Universal**. Proposições do Sínodo sobre nova evangelização e transmissão da fé. IHU, São Leopoldo, RS, 2012. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4838&secao=412>. Acesso em 15 out.2014.

VALLI, Aldo Maria. **Um guia para a Evangelii gaudium**. IHU, São Leopoldo, RS, 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/526119-um-guia-para-a-evangelii-gaudium>>. Acesso em 22 set. 2014.

VATICANO II, Compêndio do Decreto Christus Dominus. 29^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

VIGIL, José Maria. **Evangelização e erradicação da pobreza**. REB, Petrópolis, RJ, v. 40, n.158, p.113-117, jun. 1978.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **História do século XX**. 2. ed. Porto Alegre: Novo Século, 2000.